

Nota introdutória

História #1: Bosquejos de uma família numerosa que comunica em geometria variável

O meu filho Pedro (37 anos), professor de economia na UCL – University College of London – e da Georgetown University (Washington, DC) usa parcimoniosamente o telemóvel que mantém, por elementar prudência, em modo de silêncio na maior parte do dia e da noite. Quando lhe preciso de falar nem procuro telefonar-lhe; espero pacientemente que apareça no skype e... ZÁS... lá o apanho com a boca na botija ou, melhor, com o dedo no teclado.

A minha filha Joana (34 anos), maestrina e *globetrotter* que, circula entre Berkeley, Lisboa, Connecticut, Sydney, Munique, São Paulo, Porto Rico, Quito ou Luanda, em tempo real, tem vários telemóveis aproveitando tarifários preferenciais dos países e continentes por onde circula. O frenesim da sua vida artística só é comparável à catadupa de SMS, *emails*, *text messages*, chamadas de voz, em suma, uma zarzuela comunicacional que desorienta a pessoa mais tranquila do planeta. Quando lhe quero falar ligo-lhe e, ou aparece logo a responder, ou então comunica de volta, invariavelmente, nos 5 minutos seguintes.

O meu filho João (29 anos) vive em Paris onde é doutorando na Universidade Marie Curie em domínios conexos com a inteligência artificial e o uso de sensores biométricos (?). Tem tele-

móveis registados em operadores de Portugal e de França mas é muito reservado no respetivo uso e detesta receber chamadas «inoportunas». Consistentemente, o seu skype está sempre no registo austero 🚫 «Do not disturb» que desanima qualquer aproximação. Sempre que lhe quero falar envio primeiro um *text message* respeitoso do tipo «estás livre, posso falar?» ao que ele normalmente responde com celeridade.

A minha filha Inês (24 anos) vive em Lisboa, com os pais, é gestora e trabalha numa consultora multinacional. A Inês é uma comunicadora nata, analógica e digital, e animadora espontânea de qualquer grupo em que está. Ela usa freneticamente as mensagens de texto com uma destreza digital (dos dedos) que desafia a velocidade da luz. A sua aspiração mais profunda é a de vir a possuir um telemóvel «telepático», isto é um aparelho totalmente «inteligente», capaz de ler as ondas emanadas do cérebro e de, em conformidade, estabelecer as comunicações intuídas que perpassam pela mente febril da Inês. Após anos de infrutíferas tentativas concluí já que o modo mais eficaz de com ela comunicar é através de texto, e não voz.

O meu neto Francisco (3 ½ anos) vive em Washington, DC e passa temporadas apreciáveis em Portugal. Ele é bilingue – distinguindo perfeitamente os contextos em que deve comunicar em inglês ou em português – e um precoce e autêntico *technology geek* desde a sua mais tenra existência. Tal como o seu irmão, Tomás (1 ½ anos), brilham-lhe os olhos de concupiscência ao vislumbrar uma peça qualquer de tecnologia: PC, portátil, iPad, *tablet* e, sobretudo, o meu iPhone que maneja com invejável destreza. Os ícones não constituem nenhuma barreira para ele pois sabe exatamente o que quer e aquilo a que cada ícone dá acesso. A sua grande inclinação – obsessiva diria – tem a ver com a galeria de fotografias que ele maneja com maestria movendo-se como «peixe na água» para encontrar uma foto ou

mesmo um vídeo de entre os milhares de alternativas no equipamento. E, pasme-se, conhece perfeitamente os distintos *browsers* da Internet – eu tenho instalados pelos menos quatro – o YouTube e onde se deve procurar os seus itens favoritos: Noddy, Mr. Thomas, The Wiggles, e vídeos como «We are the world» (que já vomitamos pelos ouvidos fora). É óbvio que são ambos – Francisco e Tomás – campeões da comunicação via skype que constitui o nosso meio principal de vencer a distância e de minorar as saudades.

História # 2: Iniciativas de um governador americano em rutura com a geração Net

O governador do Estado de Nova Iorque, Mario Cuomo, acaba de anunciar medidas legislativas que visam o agravamento draconiano das sanções aos condutores de viaturas que sejam surpreendidos a escrever SMS, a utilizar telemóveis, computadores *tablet*, portáteis, consolas de jogos ou quaisquer outros *gadgets* eletrónicos enquanto conduzem, excluindo GPS desde que este aparelho está colocado fixamente no *tablier* do carro.

História # 3: O nascimento de um livro na intersecção das atribulações de uma jovem autora que busca conciliar poesia e tecnologia e de um editor que procura compatibilizar empreendedorismo e serviço ao conhecimento

Conheço a jovem Inês Teixeira-Botelho há uns 5 anos.

Desde então tenho mantido com a Inês uma relação «assídua»: primeiro como seu professor em cadeiras da licenciatura e do mestrado, depois como membro do júri de mestrado perante o qual a Inês prestou provas públicas brilhantes (e cuja dissertação está na origem deste livro), finalmente em conversas «extra-

curriculares» que me permitiram ir acompanhando uma viagem interior feita de sonhos avassaladores, de um inconformismo militante perante o *status quo* (e a sua necessária transformação), e de uma frescura idealista que não conhece barreiras nem fronteiras.

Ainda hoje me lembro, com ternura, do dia em que a Inês me abordou timidamente para me oferecer um livro de poesia que ela havia produzido em plena adolescência e de cuja leitura resultou a confirmação, pelo «velho» professor sexagenário, de uma alma pura e límpida cujo entusiasmo lhe conferiu ânimo interior para continuar convivendo com jovens universitários em viagens comuns de aprendizagem e de aprofundamento de saberes.

Foi durante uma dessas conversas que eu lhe sugeri a publicação da dissertação de mestrado em versão não académica e visando o grande público. Também, a seu pedido, fui um modesto e circunstancial intermediário entre a Inês e o Manuel Robalo, que conhecia bem de outras aventuras editoriais que me permitiram conhecer e admirar o seu espírito empreendedor e a sua tenacidade indómita na divulgação de obras que relevam genericamente do vasto domínio da sociedade da informação e do conhecimento.

E pronto.

O presente livro é rapidamente concebido, juntam-se vontades e ideais, a obra surge.

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce», nas palavras de um poeta maior da cerzidura da língua pátria, expressão que resume magistralmente o milagre da criatividade do universo e da participação humana na obra permanente da sua recriação,

que me ocorre citar nesta altura em que celebramos a vida nova que sempre se encontra ínsita no surgimento de um livro.

A «Geração Extreme» retratada neste livro e caracterizada pelo uso torrencial do telemóvel com os tarifários sem limite de comunicação e, agora, também com a presença ativa na internet foi a designação feliz encontrada pela Inês para a designar.

Idealista impenitente a Inês descreve esta Geração Extreme de forma generosa e para «contrapor a visão negativa que os meios de comunicação social têm, ao longo dos anos, dado desta geração de nativos digitais a que chamam Geração Rasca ou à Rasca». E tudo isto feito com fundamento em investigação académica sustentada em evidência empírica sistematicamente recolhida e tratada, como é exigência elementar de uma dissertação para obtenção de grau académico.

Em suma estamos em presença de um livro que pode ajudar a compreender a juventude atual partindo de um estudo sistemático sobre a utilização do telemóvel. Será lido com agrado e muito interesse por um vasto leque de leitores, desde pais e sociólogos até educadores e profissionais de marketing. Ou seja, o leitor típico deste livro não será o académico, mas sim um público muito mais vasto. De leitura agradável, muito bem escrito e capaz de cativar o leitor auguro a melhor receptividade a esta obra no mercado editorial português sempre ávido de novidade.

Parabéns à Inês Teixeira-Botelho e ao Manuel Robalo por terem concretizado, de forma bem-sucedida, um sonho partilhado que procura ver longe com visão estratégica e inovadora.

Roberto Carneiro,
aos 22 de junho de 2011.